

Aula 31 – Ecocrítica: Literatura e Meio Ambiente

Você já parou para pensar em como a natureza, com suas florestas, rios e montanhas, é retratada nos livros que lemos? Mais do que um mero cenário, ela muitas vezes se revela um personagem silencioso, um espelho de nossas emoções ou até mesmo uma força indomável que desafia a existência humana. No entanto, em um mundo cada vez mais consciente dos desafios ambientais, a forma como olhamos para essa representação literária precisa de uma nova lente, uma que nos permita ir além da superfície e compreender as profundas conexões entre a palavra escrita e o destino do nosso planeta.

Esta aula é um convite para explorar essa nova perspectiva. Ela foi cuidadosamente desenhada para você, que busca aprofundar seus conhecimentos em Teoria Literária, seja para enriquecer sua formação acadêmica ou para se destacar em provas de concursos públicos. Prepare-se para desvendar um campo de estudo vibrante e essencial, que não só expande sua visão sobre a literatura, mas também afia sua percepção sobre o mundo em que vivemos.

O Que é Ecocrítica? Uma Nova Lente para a Literatura

Quando a Literatura Encontra a Ecologia

A Ecocrítica nasce da inquietação: **e se a natureza não fosse apenas um cenário, mas um elemento ativo, um sujeito com sua própria agência e história dentro da narrativa?**

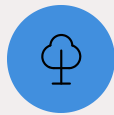
Imagine que você está lendo um romance clássico, onde a descrição de uma paisagem exuberante serve apenas como pano de fundo para um drama humano. Por muito tempo, a crítica literária tradicional tendeu a ver a natureza dessa forma: um cenário passivo, um mero espelho das emoções humanas ou um símbolo para ideias abstratas. No entanto, o século XX trouxe consigo uma crescente consciência sobre a crise ambiental, forçando-nos a repensar nossa relação com o planeta. Foi nesse contexto que surgiu uma pergunta fundamental: e se a natureza não fosse apenas um cenário, mas um elemento ativo, um sujeito com sua própria agência e história dentro da narrativa?

A Ecocrítica nasce precisamente dessa inquietação. Ela não é apenas mais uma teoria literária; é uma abordagem que propõe uma mudança radical de perspectiva, convidando-nos a ler textos literários sob uma ótica ecológica. Em vez de focar exclusivamente nas relações humanas ou na forma estética, a Ecocrítica investiga as interconexões entre a literatura e o meio ambiente, questionando como a cultura humana, expressa na arte, reflete, molda e é moldada pela natureza.



Nova Perspectiva

Ler textos literários sob uma ótica ecológica, investigando interconexões entre literatura e meio ambiente



Natureza Ativa

A natureza não é apenas cenário, mas elemento ativo com sua própria agência na narrativa



Análise Profunda

Perceber como rios poluídos, florestas desmatadas e a linguagem revelam visões de mundo

Origens e Desenvolvimento: Um Campo em Crescimento

As sementes da Ecocrítica foram plantadas em meados do século XX, especialmente nos Estados Unidos, em um período de efervescência do movimento ambientalista. O livro *Primavera Silenciosa* (1962), de Rachel Carson, por exemplo, embora não seja uma obra literária no sentido ficcional, teve um impacto profundo ao expor os perigos dos pesticidas e despertar uma consciência ecológica que reverberou em diversas áreas do conhecimento, incluindo a literatura. Críticos e acadêmicos começaram a sentir a necessidade de uma abordagem que pudesse dialogar com essa nova sensibilidade.

Anos 1960-1980

- Movimento ambientalista ganha força
- *Primavera Silenciosa* (1962) desperta consciência ecológica
- Primeiras sementes da Ecocrítica

Anos 1990-Presente

- Consolidação como campo reconhecido
- Formação de associações acadêmicas
- Expansão interdisciplinar e global

Foi na década de 1990 que a Ecocrítica ganhou força e se consolidou como um campo de estudo reconhecido, com a formação de associações acadêmicas e a publicação de periódicos especializados. Inicialmente, focou-se muito na literatura de natureza (nature writing), explorando obras que explicitamente tratavam do ambiente. Contudo, rapidamente expandiu seu escopo para analisar qualquer tipo de texto, de qualquer período histórico, buscando as representações implícitas e explícitas da natureza e as relações entre cultura e ambiente.

Hoje, a Ecocrítica é um campo vasto e interdisciplinar, dialogando com a filosofia ambiental, a sociologia, a história, a antropologia e até mesmo as ciências naturais. Ela se desdobra em diversas vertentes, como o ecofeminismo, a ecologia queer, os estudos multiespécies e a eco-poética, cada uma trazendo suas próprias lentes para a complexa relação entre humanos, não-humanos e o planeta. Essa interdisciplinaridade reflete a própria natureza fluida e urgente dos desafios ambientais que enfrentamos, mostrando que a literatura tem um papel crucial a desempenhar na compreensão e na busca por soluções.

A Natureza na Literatura: Do Pastoral ao Apocalíptico

Cenários que Contam Histórias: A Evolução de uma Relação

Desde os primórdios da escrita, a natureza tem sido uma presença constante na literatura. No entanto, a forma como ela é percebida e retratada muda drasticamente ao longo do tempo, refletindo as transformações sociais, filosóficas e científicas da humanidade. Se em um período a natureza era vista como um paraíso intocado, em outro ela se torna uma força a ser dominada, e em um terceiro, um ambiente em colapso. Compreender essa evolução é fundamental para a Ecocrítica, pois nos permite traçar a história da nossa própria relação com o mundo natural através das palavras.

Essa jornada nos leva a questionar: como a literatura, ao longo dos séculos, moldou nossa percepção sobre o meio ambiente? E, mais importante, como essas representações literárias podem nos ajudar a entender a crise ecológica atual?

Pense na natureza como um personagem em constante evolução dentro da grande narrativa da literatura mundial. Ela começa como um cenário idílico, depois se torna uma força majestosa e assustadora, mais tarde um espelho da alma humana, e finalmente, em tempos mais recentes, um protagonista ferido, clamando por atenção. Cada fase dessa evolução nos oferece insights valiosos sobre a mentalidade de uma época e sobre a complexa teia de interdependências que nos liga ao ambiente.

Do Idealismo Pastoral ao Horror Apocalíptico



A representação da natureza na literatura pode ser entendida como um espectro que vai do **pastoral** ao **apocalíptico**, com diversas nuances entre esses extremos.

O **pastoral** é talvez a forma mais antiga e persistente de idealização da natureza. Presente em obras como as *Bucólicas* de Virgílio, ele evoca um mundo rural harmonioso, simples e idílico, onde pastores vivem em comunhão com a natureza, longe da corrupção da cidade. É um refúgio utópico, um lugar de paz e inocência, que muitas vezes serve como contraponto à complexidade da vida urbana. Essa visão, embora bela, tende a ignorar as realidades do trabalho rural e a complexidade ecológica, apresentando uma natureza domesticada e idealizada para o consumo humano.

Com o tempo, outras visões emergiram. O **Sublime**, por exemplo, popularizado no Romantismo, retrata a natureza como uma força grandiosa, avassaladora e até aterrorizante, capaz de inspirar tanto admiração quanto medo. Pense nas paisagens montanhosas e tempestades descritas em *Frankenstein* de Mary Shelley, que refletem a pequenez humana diante da magnitude do mundo natural. O **Romantismo** também explorou a natureza como um espelho da alma, um lugar de introspecção e conexão espiritual, onde o indivíduo encontra consolo ou inspiração.

No entanto, à medida que a industrialização avançava e os impactos humanos sobre o ambiente se tornavam mais evidentes, a literatura começou a incorporar uma visão mais sombria. O **Realismo** e o **Naturalismo** retrataram a natureza de forma mais crua e objetiva, muitas vezes como um ambiente hostil ou indiferente à sorte humana, ou como um recurso a ser explorado.

Finalmente, chegamos ao **apocalíptico** e à **distopia ambiental**, gêneros que ganham cada vez mais força no século XXI. Aqui, a natureza é retratada em colapso, devastada pela ação humana, resultando em cenários de desolação, escassez e catástrofe. Obras como *A Estrada* de Cormac McCarthy ou *O Conto da Aia* de Margaret Atwood (que, embora não seja puramente ambiental, explora a degradação de recursos e a dominação sobre a natureza feminina) nos confrontam com futuros sombrios, servindo como alertas urgentes sobre as consequências de nossa irresponsabilidade ambiental.

Antropoceno: A Era da Marca Humana

Quando a Humanidade Virou Força Geológica

Você já se perguntou se a nossa espécie, os *Homo sapiens*, deixou uma marca tão profunda no planeta que alterou sua própria geologia? Por milênios, a Terra foi moldada por forças naturais como vulcões, terremotos e ciclos glaciais. Mas, nas últimas décadas, cientistas e pensadores têm apontado para uma nova era geológica, uma em que a principal força motriz das mudanças planetárias somos nós: os seres humanos. Essa é a essência do conceito de **Antropoceno**.

O Que é?

Nova época geológica caracterizada pelo impacto global e irreversível das atividades humanas sobre os sistemas terrestres

Evidências

Mudanças climáticas, perda de biodiversidade, alterações nos ciclos biogeoquímicos, presença de "tecnofósseis"

Origem do Termo

Popularizado por Paul Crutzen e Eugene Stoermer no início dos anos 2000

A ideia do Antropoceno nos força a confrontar uma verdade incômoda: não somos meros habitantes da Terra, mas agentes de transformação em escala global. Nossas ações – da queima de combustíveis fósseis ao desmatamento, da poluição plástica à alteração de ecossistemas – estão reescrevendo a história geológica do planeta. Para a crítica literária, essa perspectiva é revolucionária, pois nos convida a reler toda a produção cultural sob a luz dessa nova realidade. Como a literatura reflete, questiona ou até mesmo nega essa nossa nova condição de "força geológica"?

Pensar no Antropoceno é como perceber que a humanidade, de repente, assumiu o papel de um gigante adormecido que acordou e começou a redesenhar o mapa do mundo com suas próprias mãos. Antes, éramos pequenos pontos na vastidão da natureza; agora, somos a própria paisagem em movimento, com consequências que se estendem por milênios. Essa mudança de escala exige uma nova forma de pensar e, conseqüentemente, de ler e produzir arte.

Definição e Implicações para a Crítica

O termo **Antropoceno** foi popularizado pelo químico atmosférico Paul Crutzen e pelo ecologista Eugene Stoermer no início dos anos 2000. Ele sugere que entramos em uma nova época geológica, sucedendo o Holoceno, caracterizada pelo impacto global e irreversível das atividades humanas sobre os sistemas terrestres. As evidências são vastas: mudanças climáticas, perda acelerada de biodiversidade, alterações nos ciclos biogeoquímicos (carbono, nitrogênio, fósforo), e a presença ubíqua de resíduos humanos, como plásticos e concreto, que formarão "tecnofósseis" no futuro.

Para a Ecocrítica, o Antropoceno é um imperativo ético e estético

01

Reavaliar o Cânone Literário

Como as obras do passado podem ser relidas à luz dessa nova era? Quais pistas sobre a relação humano-natureza podemos extrair?

03

Questionar o Antropocentrismo

Desconstruir narrativas que colocam o ser humano no centro, dando voz a perspectivas não-humanas e ecocêntricas.

02

Analisar a Literatura Contemporânea

Como os escritores de hoje respondem à crise? Surgem novos gêneros, como a **cli-fi** (ficção climática).

04

Explorar a Agência Não-Humana

Reconhecer a agência e subjetividade de rios, florestas, animais, desafiando a dicotomia natureza/cultura.

Um exemplo prático é a análise de obras que abordam desastres naturais ou a exploração de recursos. Em vez de vê-los como eventos isolados, a lente do Antropoceno nos permite conectá-los a padrões globais de consumo e produção, revelando as complexas interações entre a sociedade e o ambiente. A literatura, nesse sentido, torna-se um laboratório para imaginar e discutir os desafios e as responsabilidades dessa nova era.

Capitaloceno: A Raiz Econômica da Crise

Além do "Humano": Quem Realmente Move as Engrenagens?

Se o conceito de Antropoceno nos alerta para o impacto global da humanidade, ele também levanta uma questão crucial: será que "a humanidade" é um bloco homogêneo? Todas as sociedades, todas as culturas, todos os indivíduos contribuem igualmente para a crise ambiental? Ou há forças mais específicas, sistemas de poder e lógicas econômicas que são os verdadeiros motores da degradação planetária? É essa a provocação central do conceito de **Capitaloceno**.

O Capitaloceno surge como uma crítica ao Antropoceno, argumentando que a crise ecológica não é simplesmente resultado da "ação humana" em geral, mas sim de um sistema socioeconômico específico: o **capitalismo**.

Ao invés de culpar a espécie humana como um todo, essa perspectiva direciona o olhar para as estruturas de poder, as relações de produção e consumo, e a incessante busca por lucro que caracterizam o sistema capitalista desde o século XVI. Para a crítica literária, isso significa ir além da mera constatação do impacto humano e investigar as raízes políticas e econômicas das representações da natureza e da crise ambiental nas obras.

Antropoceno

Diagnostica a "febre" no paciente Terra: impacto da espécie humana como um todo

Capitaloceno

Busca o "vírus" específico: o sistema capitalista e suas lógicas de exploração

Definição e Implicações para a Crítica

O termo **Capitaloceno** foi cunhado por Andreas Malm e Jason W. Moore, entre outros, para enfatizar que a era de transformação geológica não começou com a humanidade em si, mas com a ascensão do capitalismo e sua lógica de exploração ilimitada de recursos naturais e trabalho. Eles argumentam que a Revolução Industrial, impulsionada pelo capital, marcou o verdadeiro ponto de inflexão, acelerando a extração de energia e materiais em uma escala sem precedentes.

Análise de Poder e Desigualdade

Investiga como a literatura revela desigualdades ambientais, onde comunidades marginalizadas são as mais afetadas pela poluição e destruição.

Crítica ao Colonialismo Ambiental

Expõe como a natureza e povos de regiões colonizadas foram e continuam sendo explorados para benefício de centros de poder globais.

Materialismo e Sociologia

Fortalece correntes materialistas, focando nas condições materiais de produção e consumo que moldam as narrativas sobre a natureza.

Desconstrução de Narrativas de Progresso

Questiona narrativas de "progresso" e "desenvolvimento" que justificam a exploração ambiental, revelando suas bases ideológicas.

| Conceito | Âmbito/Foco Principal | Base/Origem | Implicação para a Crítica Literária |
|---------------------|--|---|---|
| Antropoceno | Impacto global da espécie humana nos sistemas terrestres | Geologia, Ciências Ambientais | Releitura de obras sob a ótica da responsabilidade humana; análise de como a literatura reflete a nova era geológica. |
| Capitaloceno | Impacto do sistema capitalista na degradação ambiental | Economia Política, Sociologia, História Ambiental | Análise das relações de poder, desigualdade e exploração; crítica às narrativas de progresso e desenvolvimento capitalista. |

Um exemplo seria a análise de um romance que descreve a extração de minérios em uma comunidade rural. Enquanto uma leitura antropocênica focaria no impacto humano geral, uma leitura capitalocênica investigaria as corporações envolvidas, as políticas governamentais que permitem a exploração, as condições de trabalho dos mineradores e a distribuição desigual dos lucros e dos danos ambientais. A literatura, nesse contexto, torna-se um documento social e político que expõe as engrenagens do sistema.

Diálogos Interdisciplinares da Ecocrítica

A Complexidade Exige Múltiplas Vozes

A crise ambiental que enfrentamos hoje não é um problema isolado; ela se manifesta em múltiplas dimensões – científica, social, econômica, política, ética e cultural. Tentar compreendê-la a partir de uma única disciplina seria como tentar entender uma sinfonia ouvindo apenas um instrumento. É por isso que a Ecocrítica, em sua essência, é um campo profundamente **interdisciplinar**, buscando ativamente o diálogo com outras áreas do conhecimento para enriquecer sua análise e oferecer perspectivas mais completas sobre a relação entre literatura e meio ambiente.

- ☐ Pense na Ecocrítica como uma **orquestra**. Cada disciplina é um instrumento diferente, com sua própria melodia e timbre. Quando tocam juntos, criam uma sinfonia rica e complexa.

Essa abertura para outras disciplinas não é uma fraqueza, mas uma de suas maiores forças. Ela permite que a Ecocrítica transcenda os limites tradicionais da Teoria Literária, conectando a análise textual a questões urgentes do mundo real. Para você, estudante ou candidato a concurso, essa interdisciplinaridade é uma chave para desenvolver um pensamento crítico mais abrangente e para compreender a natureza fluida e interconectada dos estudos culturais contemporâneos.

Conectando Pontos: Filosofia, Sociologia e Além



Filosofia Ambiental

Fornecer bases éticas e ontológicas. Questões sobre valor intrínseco da natureza, direitos dos não-humanos e ética da responsabilidade intergeracional.



Sociologia Ambiental

Dimensões sociais da crise: distribuição desigual de impactos (justiça ambiental), movimentos sociais e construção social da natureza.



Psicanálise e Ecopsicologia

Dimensão psicológica da relação humano-natureza: solastalgia, alienação da natureza e formação da identidade ecológica.



História Ambiental

Contexto temporal de como as relações entre sociedade e natureza evoluíram ao longo do tempo e moldaram representações literárias.

Estudos Culturais: Decoloniais, Feministas, Queer

Essa é uma área de diálogo particularmente rica e em crescimento, alinhada com as tendências de 2025:



Estudos Decoloniais

Questiona como a lógica colonial de exploração se estende à exploração ambiental. Literaturas de povos originários oferecem perspectivas alternativas.



Crítica Feminista e Ecofeminismo

Estabelece paralelos entre dominação da mulher e da natureza, argumentando que ambas têm raízes patriarcais.



Teoria Queer e Ecologia Queer

Explora intersecções entre sexualidade, gênero e ecologia, desafiando normas binárias ligadas a visões dominadoras da natureza.

Um exemplo de aplicação interdisciplinar seria a análise de um romance amazônico. Um ecocrítico poderia usar lentes da história ambiental para entender o contexto da exploração da borracha, da sociologia ambiental para analisar o impacto nas comunidades ribeirinhas, e da crítica decolonial para desvendar as narrativas hegemônicas e dar voz às perspectivas indígenas sobre a floresta. Essa abordagem multifacetada revela a riqueza e a complexidade da obra, conectando-a a debates urgentes e contemporâneos.

A Literatura como Conscientização e Agente de Mudança

Além do Espelho: A Literatura que Transforma

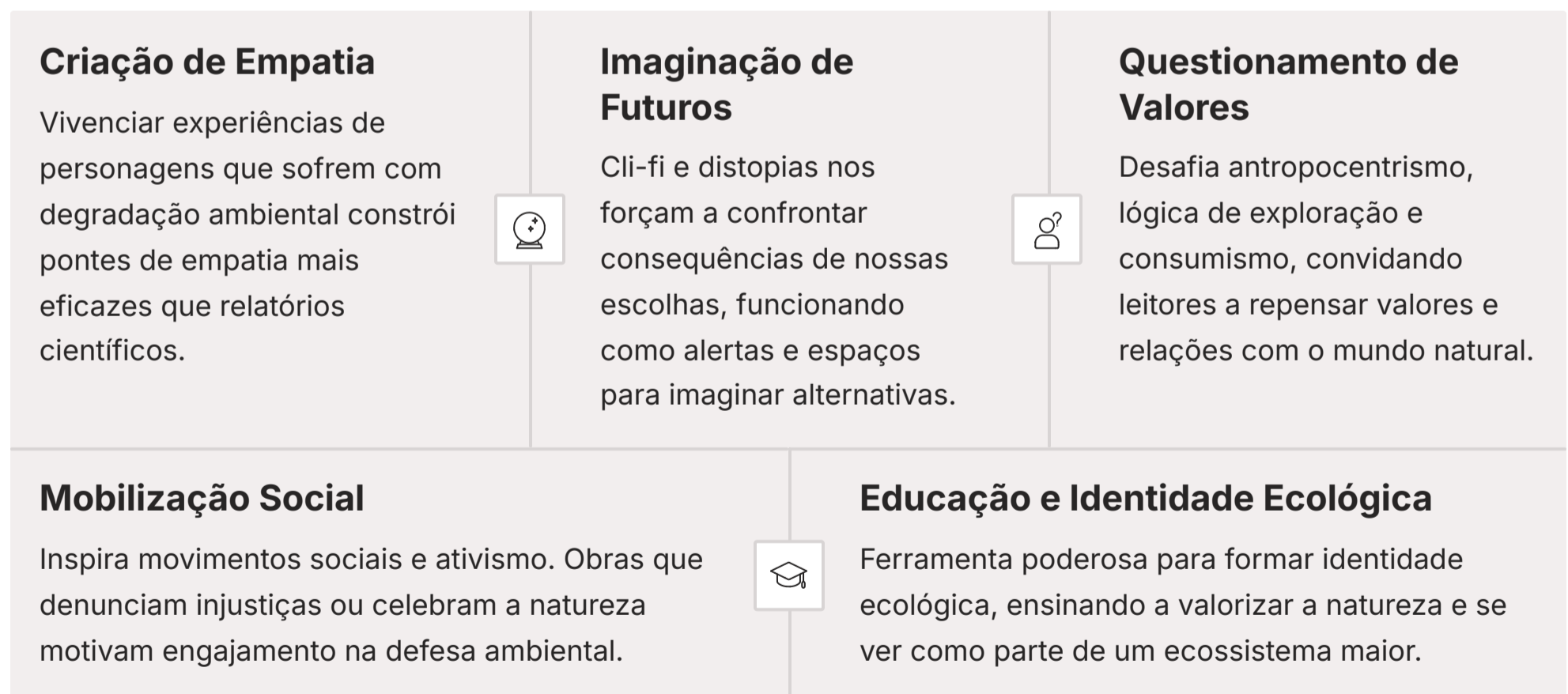
Por muito tempo, a literatura foi vista como um espelho da realidade, refletindo as sociedades, os costumes e as ideias de uma época. No entanto, o poder da palavra vai muito além da mera representação. Em um cenário de crise ambiental, a literatura assume um papel ainda mais ativo: o de **agente de mudança**. Ela não apenas nos mostra o que está acontecendo, mas nos convida a sentir, a imaginar e a agir. Essa capacidade de mover corações e mentes é o que torna a literatura uma ferramenta tão potente para a conscientização ambiental.

Mas como exatamente um poema, um romance ou um conto pode influenciar nossa percepção sobre o meio ambiente e nos impulsionar à ação?

A resposta reside na sua capacidade de criar empatia, de nos transportar para realidades diferentes da nossa, de nos fazer questionar valores arraigados e de nos apresentar futuros possíveis – tanto os distópicos, que servem de alerta, quanto os utópicos, que inspiram esperança. A literatura, nesse sentido, não é apenas um objeto de estudo, mas um catalisador para a reflexão e a transformação social.

Imagine a literatura como uma semente. Quando plantada em solo fértil – a mente do leitor –, ela germina, cresce e pode dar frutos na forma de novas ideias, emoções e, eventualmente, ações. Essa semente não impõe uma verdade, mas nutre a imaginação e a capacidade de pensar criticamente sobre o mundo ao nosso redor, incluindo a nossa relação com o meio ambiente.

O Poder da Narrativa na Conscientização Ambiental



Para você, que busca aplicar esses conhecimentos em sua vida profissional, seja como educador, pesquisador ou em concursos públicos, entender a literatura como um agente de mudança é crucial. Um crítico literário pode analisar como uma obra específica contribui para o debate ambiental; um educador pode usar textos literários para engajar alunos em questões ecológicas; e um candidato a concurso pode demonstrar uma compreensão aprofundada da relevância social e política da literatura contemporânea. A capacidade de articular o papel da literatura na conscientização ambiental é uma habilidade valiosa e cada vez mais requisitada.

Desafios e Futuro da Ecocrítica

O Caminho Adiante: Expandindo Horizontes

A Ecocrítica, como todo campo de estudo vibrante, não é estática. Ela está em constante evolução, enfrentando novos desafios e expandindo suas fronteiras para dar conta da complexidade crescente da crise ambiental e das diversas formas como ela é percebida e narrada ao redor do mundo. Se no início o foco estava na literatura de natureza ocidental, hoje o campo se volta para uma abordagem mais global, inclusiva e crítica de si mesma.

- ☐ Pense na Ecocrítica como um **rio** que, ao longo de seu curso, encontra obstáculos, se ramifica em afluentes e se alarga, incorporando novas águas e paisagens.

Essa dinâmica de autocrítica e expansão é fundamental para a vitalidade da Ecocrítica. Ela nos força a questionar nossas próprias premissas, a buscar novas vozes e a desenvolver ferramentas analíticas mais sofisticadas. Para você, que está se aprofundando neste tema, compreender esses debates e tendências futuras é essencial para uma visão completa e atualizada do campo, preparando-o para os desafios acadêmicos e profissionais de 2025 e além.

Novas Fronteiras e Debates Atuais

1

Críticas ao Eurocentrismo

Superar viés eurocêntrico e foco no "selvagem", incorporando perspectivas decoloniais e literaturas do Sul Global.

2

Expansão para Outras Mídias

Análise de cinema, videogames, arte visual e música, investigando representações ambientais em múltiplas plataformas.

3

Estudos Multiespécies e Pós-Humanismo

Descentralizar o ser humano, dar voz a outras formas de vida, questionar distinção rígida entre humano e não-humano.

4

Ecologia Queer e Interseccionalidade

Abordagens que consideram gênero, raça, classe, sexualidade em conjunto com ecologia, desafiando normas e hierarquias.

5

Engajamento com a Crise Climática

Diálogo direto com ciência do clima e políticas ambientais, buscando formas de a literatura intervir nos debates.

6

Ecopoética e Estilística Ambiental

Foco na linguagem em si: como forma, estilo e escolhas lexicais contribuem para representação da natureza.

Essas tendências mostram que a Ecocrítica é um campo dinâmico e essencial, que continuará a evoluir à medida que nossa compreensão da crise ambiental se aprofunda. Ela nos lembra que a literatura não é um luxo, mas uma necessidade vital para imaginar e construir um futuro mais sustentável e justo. Ao abraçar a interdisciplinaridade e a autocrítica, a Ecocrítica se posiciona como uma das áreas mais relevantes da Teoria Literária contemporânea.

Ecocrítica em Prática: Síntese e Desafios

Consolidando o Conhecimento

Chegamos ao fim de nossa jornada pela Ecocrítica, um campo que nos convida a ver a literatura não apenas como arte, mas como um espelho e um motor de nossa relação com o meio ambiente. Começamos desvendando o que é a Ecocrítica, suas origens e seu desenvolvimento, percebendo-a como uma nova lente para interpretar as narrativas. Em seguida, exploramos a rica tapeçaria da representação da natureza na literatura, desde os idílicos cenários pastorais até as sombrias visões apocalípticas, compreendendo como essas representações evoluíram com a própria humanidade.

Aprofundamos nossa análise com os conceitos cruciais de Antropoceno e Capitaloceno, distinguindo o impacto geral da espécie humana das raízes sistêmicas e econômicas da crise ambiental, e como essas perspectivas transformam a crítica literária. Vimos a Ecocrítica em diálogo constante com outras disciplinas – Filosofia, Sociologia, Psicanálise, História e, especialmente, os Estudos Culturais (Decoloniais, Feministas, Queer) –, demonstrando sua natureza interdisciplinar e sua capacidade de abordar a complexidade do mundo. Finalmente, reconhecemos o poder da literatura como uma ferramenta vital para a conscientização e a transformação ambiental, capaz de gerar empatia e inspirar ação.

Em prática:

A Ecocrítica nos equipa para analisar textos literários com uma sensibilidade ecológica, identificando como a natureza é construída e desconstruída nas narrativas. Ela nos permite questionar as ideologias subjacentes às representações ambientais e reconhecer a literatura como um espaço de resistência e proposição de futuros mais sustentáveis.

Autoavaliação

Para consolidar seu aprendizado, responda às questões a seguir:

1

Questão 1

Qual das seguintes afirmações melhor descreve o principal objetivo da Ecocrítica?

1. Analisar a estrutura formal de poemas e romances.
2. Estudar a vida dos autores e suas influências biográficas.
3. Investigar as interconexões entre a literatura e o meio ambiente.
4. Comparar obras literárias de diferentes períodos históricos sem considerar o contexto.

2

Questão 2

O conceito de Antropoceno se refere principalmente a:

1. A era geológica em que os dinossauros dominaram a Terra.
2. O período em que a cultura humana se separou completamente da natureza.
3. A época geológica caracterizada pelo impacto global das atividades humanas nos sistemas terrestres.
4. Um movimento literário que idealiza a natureza intocada.

3

Questão 3

Qual das seguintes abordagens é mais alinhada com a perspectiva do Capitaloceno?

1. Focar na beleza intrínseca da natureza em textos poéticos.
2. Atribuir a crise ambiental à ação indiscriminada de toda a humanidade.
3. Analisar como as lógicas de exploração capitalista e as relações de poder contribuem para a degradação ambiental.
4. Estudar a representação de paisagens urbanas na literatura sem considerar seu impacto ecológico.

4

Questão 4

A interdisciplinaridade da Ecocrítica é uma de suas forças, permitindo o diálogo com áreas como:

1. Matemática Pura, Física Quântica e Astronomia.
2. Filosofia Ambiental, Sociologia Ambiental e Estudos Decoloniais.
3. Engenharia Mecânica, Contabilidade e Direito Tributário.
4. Somente com a Biologia e a Geografia.

Gabarito

1. c)

2. c)

3. c)

Questão Discursiva

Explique, com suas palavras e citando um exemplo (real ou hipotético), como a literatura pode atuar como uma ferramenta de conscientização ambiental, indo além da mera representação para se tornar um agente de mudança.

Próxima Aula

Aula 32

A Crítica Genética: O Processo de Criação Literária

Na **Aula 32 – A Crítica Genética: O Processo de Criação Literária**, mergulharemos nos bastidores da escrita, explorando como os textos nascem, se desenvolvem e se transformam, analisando rascunhos, manuscritos e cadernos de anotações para desvendar os segredos do processo criativo.

Recursos Adicionais

Livro

A Ecocrítica: Uma Introdução de Greg Garrard – Para aprofundamento conceitual.

Artigo


"O Capitaloceno: Uma Nova Perspectiva sobre a Crise Ambiental" de Andreas Malm – Para entender a crítica ao Antropoceno.

Documentário

Nosso Planeta (Netflix) – Para visualizar os impactos ambientais e a beleza da natureza.

Periódico

Environmental Humanities – Para explorar pesquisas recentes e tendências do campo.

 **NOTA IMPORTANTE:** As informações regulatórias/legais/técnicas desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes oficiais para verificar alterações.